

Origens do fascismo: contexto político, econômico e social

Leonardo Sacramento

Ontologia do Fascismo

- Acumulação primitiva de capitais;
- Formação do Estado-Nação;
- Unificação e generalização;
- Unidade e paradoxos;

- Exportação de capitais;
- Unificações tardias;
- Imperialismo e “paz armada” (1871-1914);
- Disputas neocoloniais e continentais;
- Radicalização das premissas do Estado-Nação;
- Romantismo e Tradicionalismo (ex. fascio e Roma);

- Racialização e unidade de origem reproduziam interesses de capitais;
- Pangermanismo e anglo-saxonismo;
- Divisão de todos os povos e etnias por critérios raciais;

- Liberalismo e racialização;
- Escravidão e propriedade privada (Marx);
- Racismo e movimentação de capitais;
- Trabalhadores nacionais X trabalhadores “outros”;
- Locke, Hume e Montesquieu;
- Tocqueville;

- Hegel (A razão na história: introdução a filosofia da história universal):
- “Nesta parte principal de África, não pode, em rigor, haver história. Trata-se de casualidades e de surpresas que se seguem umas às outras. Não há fim algum, nenhum Estado que se possa perseguir; não há subjetividade, mas somente uma série de sujeitos que se destroem”;

- Kant (Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio sobre as doenças mentais):
- Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: entre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos esconjuros (KANT, 1993, p. 76);

- Guardadas algumas proporções, o mesmo vale do anglo-saxão sobre o irlandês, do germânico sobre o eslavo e o judeu, do espanhol sobre o catalão e basco, do italiano do norte sobre o italiano do sul.
- Ideologicamente, as bases do Estado-Nação e da essência do liberalismo são o cimento, quando de sua radicalização (raiz), do fascismo.

Contexto político-econômico

- Crise econômica;
- Taxa de mais-valia e Queda tendencial da taxa de lucro;
- $C = c + v$
- $C' = c + v + m$, em que C = capital, c = capital constante, v = capital variável e m = mais-valia;
- Se $C = c + v$, então $C' = C + m$
- Como a valorização é consequência da valorização de v , então $v + m = v + \frac{m}{v}v$.
- Proporção de valorização do capital variável é: $m/v =$ taxa de mais valia.
- $m/v =$ mais-trabalho/trabalho necessário.

- $l' = m/C = m/c+v$
- “(...) uma parte alíquota cada vez menor do capital global despendido se converte em trabalho vivo, e esse capital global absorve portanto, em proporção à sua grandeza, sempre menos mais-valia, embora a proporção da parte não-paga do trabalho empregado, em relação à parte paga do mesmo, possa simultaneamente crescer” (Marx, p. 166).
- Portanto, a queda da taxa de lucro é decorrência de uma diminuição relativa do capital variável sobre o capital global, e não de uma diminuição absoluta.
- Expressão: massa crescente de lucro e taxa decrescente de lucro.
- Mecanismo de concentração de capital.
- Concorrência, concentração, centralização e monopólio.

Causas contrariantes

- 1. Elevação do grau de exploração do trabalho;
- 2. Compressão do salário abaixo do seu valor;
- 3. Barateamento dos elementos do capital constante;
- 4. Superpopulação relativa;
- 5. Comércio exterior;
- 6. Aumento do capital por ações (capital financeiro).

- Fraqueza do elo italiano e alemão;
- Crise política;
- Ascensão da burguesia coincide com o processo de fascistização;
- “A passagem da Alemanha ao capitalismo, através da revolução a partir de cima de Bismark, sob a direção política da feudalidade agrária, impediu a burguesia alemã de se constituir uma ideologia específica que domine na formação social alemã” (Poulantzas, p. 119);

- “Nacionalismo expansionista, militarismo, culto do despotismo e da autoridade estatal, respeito da ‘hierarquia’ e da ‘disciplina’ em todos os domínios são outros tantos pontos de conivência entre a ideologia imperialista e uma ideologia feudal ‘transformada’” (p. 119-120).
- No caso da Itália, a burguesia conseguiu uma “revolução democrática burguesa”, distinta da via prussiana, chamado de Risorgimento. Contudo, “só o pôde fazer à custa de importantes concessões político-econômicas à grande propriedade agrária” (p. 144).

- O fascismo corresponde a processo político que permitiu a passagem do imperialismo ao capitalismo monopolista;
- 1) A fascistização pressupõe uma “série característica de derrotas da class operária”;
- “... a burguesia procura, em primeiro lugar, modificar a relação real das forças em que essas conquistas se fundam, e só depois é que se passa ao ataque direto das próprias conquistas” (p. 166).
- 2) A fascistização corresponde a uma crise ideológica da classe operária e a uma crise das organizações revolucionárias.
- 3) O processo de fascistização é amparado pela influência da social-democracia sobre a classe operária “e pela linha política da social-democracia em relação ao fascismo”.

- Fascismo e social-democracia não são iguais;
- “Não podendo a burguesia dominar unicamente pela repressão física organizada, e não se limitando a ideologia a existir apenas nas ideias, o Estado burguês dispõe, em qualquer circunstância, de um (ou de vários) aparelho ideológico de Estado, especialmente destinado a inculcar a ideologia burguesa no interior da classe operária. Nas formas ‘normais’ de Estado burguês, tal aparelho é constituído por um partido de tipo social-democrata” (p. 179).

- “O fascismo constitui, com efeito, uma forma particular de Estado e de regime, correspondente a uma determinada política da burguesia. Como tal, o fascismo corresponde a uma reorganização do conjunto dos aparelhos de Estado, incluindo os aparelhos ideológicos de Estado. Nessa reorganização, um partido de tipo social-democracia não só não pode ter nenhum lugar, mas deve mesmo ser completamente destruído – o que, de fato, acontecerá –, por causa, precisamente, da sua base de massa na classe operária, e na medida em que a luta de classes o atravessa: a política da burguesia, visa, doravante, o aniquilamento da classe operária” (p. 181).
- Social-democracia e fascismo “não podem, de forma alguma, ocupar o mesmo lugar numa mesma forma de Estado” (p. 182).

- “Não se pode negar que o fascismo e movimentos semelhantes, visando ao estabelecimento de ditaduras, estejam cheios das melhores intenções e que sua intervenção, até o momento, salvou a civilização europeia. O mérito que, por isso, o fascismo obteve para si estará inscrito na história. Porém, embora sua política tenha propiciado salvação momentânea, não é do tipo que possa prometer sucesso continuado. O fascismo constitui um expediente de emergência” (MISES, 2010, p. 77).

- A ascensão do fascismo corresponde a uma síntese histórica entre fatores inerentes ao desenvolvimento do capitalismo monopolista, radicalização de elementos ontológicos do liberalismo e conjuntura de crise política, social e econômica.